

Dor no ombro persistente requer cuidados médicos

■ Tratamento precoce pode evitar ruptura do tendão e cirurgia

ALICIA IVANISSEVICH

Pequenas pontadas no ombro que se perpetuam, uma forte fígada ou movimentos limitados com o braço são sinais que não devem ser menosprezados. Qualquer anormalidade com essa esquecida articulação exige o exame cuidadoso de um especialista para evitar que casos clinicamente tratáveis se transformem em problemas só resolvidos com cirurgia.

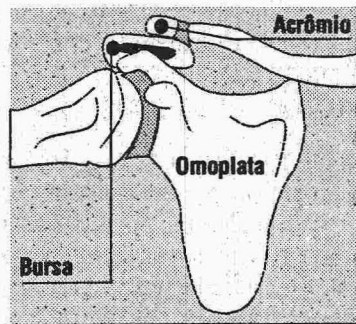
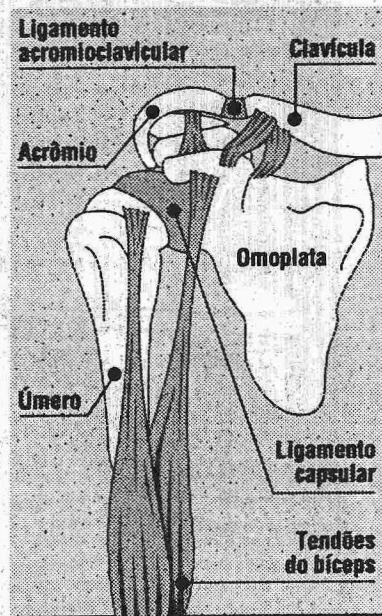
“As pessoas não dão a devida importância ao ombro”, diz o ortopedista César Augusto Gouvea Pinto, membro titular do Colégio Brasileiro de Cirurgiões e da Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia. “O ombro é um conjunto de estruturas articuladas que podem sofrer desgaste com o passar do tempo. As dores costumam aparecer a partir da terceira ou quarta década de vida.”

Segundo o ortopedista, as dores no ombro são uma queixa comum no consultório. “Quase sempre são rotuladas pelos pacientes como bursites, mas existem outros problemas que causam dor no local e que são muito mais frequentes”, avisa.

Braço elevado — A síndrome do impacto, por exemplo, que aparece por volta dos 40 anos, começa com dor e uma elevação lateral do braço em relação ao tronco. “Apresenta inicialmente sintomas de tendinite (inflamação do tendão). Mas, com o tempo, pequenos esforços repetidos podem levar à ruptura do manguito rotador (complexo músculo-tendinoso que permite levantar o braço)”, explica o médico.

A ruptura dessa estrutura pode estar associada a deformidades no acrômio (proeminência óssea do omoplata) e na cabeça do úmero (osso do braço). “A pessoa perde a capacidade de levantar o braço e adota uma postura característica de inclinar o tronco para o lado oposto ao afetado”, diz Gouvea Pinto.

A articulação do ombro



Ao levantar o braço, os tendões da articulação do ombro se comprimem. Com o tempo, essa fricção pode desgastar os tendões e a bursa e até provocar uma ruptura dessas estruturas.

Outros problemas comuns são a artrose acrômio-clavicular, que se manifesta com dor na parte superior do ombro, e a artrose escápulo-umeral, que produz dor e incapacidade de movimentação do braço. “Mas a dor pode ser também um sinal de tendinite ou de ruptura do bíceps (músculo do antebraço)”, adverte o médico.

Mais conhecida dos leigos, a bursite é uma inflamação da bursa — bolsa cheia de líquido que serve para amortecer o impacto entre os ossos que compõem o ombro e os músculos. O atrito constante entre essas estruturas pode provocar a inflamação da bursa que, se não for tratada logo e corretamente, pode causar o rompimento do tendão.

Congelado — “A reação natural das pessoas à dor é diminuir os movimentos do braço e ombro vai congelando”, comenta Gouvea Pinto. “Se o problema não for resolvido a tempo, a pessoa terá dificuldade de recuperar os movimentos após o tratamento.”

O ortopedista explica que a bursite aparece em radiografias

quando há uma calcificação na bursa. Quando ela não é detectável por raios X, adotam-se outros métodos de diagnóstico, como a ultra-sonografia, a eletroneuromiografia (exame que usa agulhas para medir o potencial elétrico muscular, que identifica a lesão onde não passa corrente), a ressonância magnética nuclear e a tomografia computadorizada. “Mas a observação clínica é soberana. O exame do médico e a história do paciente são fundamentais”, ressalta.

O tratamento da bursite inclui analgésicos, anti-inflamatórios e fisioterapia. Mas a cirurgia pode ser indicada justamente para evitar o rompimento futuro de tendões. A operação consiste na retirada de um fragmento do acrômio para aumentar o espaço entre ele e o úmero. Se existir ruptura, é preciso costurar o tendão.

O corte não ultrapassa os cinco centímetros. A cirurgia é feita com anestesia de plexo (que atinge ombro e braço), mas a pessoa é sedada para poder relaxar.